

REPENSANDO O ATO DE APRENDER

Hely D. Cabral da Fonseca
Prof. Auxiliar do Dep. de Letras e Artes

RESUMO — *No Brasil, muitas pessoas têm tido a oportunidade de estudar a língua inglesa sem, no entanto, aprender esse idioma de modo profícuo. Muitos questionamentos são levantados e os estudantes querem saber, por exemplo, o que fazer para, de fato, aprender uma segunda língua. Este artigo discorre sobre essa problemática, procurando discutir pontos e sugerir alternativas para um aprender mais eficiente.*

ABSTRACT — *In Brazil many people have had the opportunity of studying the English language without learning this idiom in an efficient way. Many questions are asked and the students want to know, for example, what to do to learn, in fact, a second language. This article examines this problem, discussing points and suggesting alternatives so that learning can take place.*

Constata-se que são freqüentes os questionamentos dos alunos de língua inglesa, quanto a um método mais eficaz no processo de aprendizagem dessa língua.

A primeira reflexão que se faz é: que tipo de aprendiz é esse aluno? Os estudos que J. BARSCH (*in* DAVIS, 1995) fez a esse respeito mostram — considerando as preferências sensoriais dos indivíduos — que há três tipos de aprendizes: o auditivo, o visual e o sinestésico (ou tátil). Há, também, outras classificações mais minuciosas que mostram um desempenho misto. Outro aspecto por ele considerado é aquele que diz respeito ao ponto de vista de relacionamento do aprendiz com os outros, de seu relacionamento com idéias e de sua orientação geral. Segundo BARSCH (op. cit.), o aprendiz visual é aquele que aprende, primeiramente, com os olhos. O professor, como facilitador da aprendizagem, deverá utilizar na consecução de suas aulas, recursos que exijam mais a sensação visual e assim poder atender a alunos que apresentem esse perfil. Já o auditivo está, naturalmente, mais predisposto a aprender através de ondas sonoras. Para atendê-lo, os recursos utilizados deverão estar inseridos no universo das atividades que requeiram a compreensão auditiva no processo de aprendizagem. O aprendiz sinestésico depende, preponderantemente, do impulso tátil, é adepto da *práxis*, é o tipo de estudante que aprende com “a mão

na massa". Para atender às exigências desse tipo de estudante, deverá o docente assisti-lo mais de perto, utilizando-se de modelos e *realia* (objetos concretos, reais) que, principalmente, estejam à mão, para serem tocados, manuseados.

A nossa experiência, nos últimos anos, trabalhando com clientela da rede oficial e particular de ensino, confirma a existência de um quarto tipo de aprendiz, mencionado por A. COHEN(1991): o "consumidor passivo". Depois da constatação dessa modalidade de aprendiz, outras questões são levantadas, por exemplo: o que possibilitou essa nova tendência do estudante e o que faremos para promover a aprendizagem efetiva? Acreditamos que esse tipo de aprendiz seja produto de nosso sistema de ensino, de nossas escolas obsoletas, 'demodées', onde quase tudo permanece "enquadrado", como o espaço físico da sala de aula, o quadro de giz.... Ao jovem quase sempre não é oferecida a oportunidade de tornar-se um indivíduo independentemente pensante, pois o professor que deveria atuar como facilitador da aprendizagem, aquele que, concomitantemente, cresce com seu aluno, vê-se sempre à frente deste, aplicando estratégias de ensino que atendem, apenas, às necessidades do ensinar. Assim, resta ao aluno sentar e, com um pouco de sorte, tentar internalizar o conhecimento através das técnicas que lhe são apresentadas, sem o conhecimento prévio do professor da sua adequação aos distintos tipos de aprendizes mencionados no início deste trabalho.

Considerando que as nossas reflexões devam estar voltadas mais para o *como se aprende*, do que para o *como se ensina*, a primeira interrogação que o professor deverá levar o estudante a fazer a si mesmo é: que tipo de aprendiz sou eu? A resposta para essa questão encontra-se nos testes modernos, criados especialmente para esse fim, aos quais o aluno deverá ter acesso, o que se constitui no primeiro passo a caminho do conhecimento, pois o aprendiz saberá em qual das suas habilidades deverá mais investir e em quais precisará de maior exercício.

Freqüentemente, o professor constata que seu alunado não domina assuntos de unidades anteriores, os quais, geralmente são pré-requisitos para as aulas subseqüentes. Dois fatores, na visão de COHEN(op.cit.), contribuem para essa situação: 1) o conteúdo de instrução pode não estar adequado aos tipos específicos de aprendizes, 2) o mesmo podendo ocorrer com o método de ensino. Dessa forma, a construção do conteúdo não deverá ser apresentada de forma acabada, devendo o professor ir revendo o elenco de assuntos junto ao seu alunado. A partir das preferências e necessidades que vão sendo expressas, ele optará pela forma de enfoque

que melhor atenda aos estilos de aprendizagem de cada aluno.

Entendemos por Estratégia de Aprendizagem não só o *saber ensinar*, quando se utilizam convenientemente métodos e técnicas de ensino, mas, quando se consideram os processos complexos por que passam os indivíduos durante a aprendizagem de uma língua estrangeira. Com a atenção voltada para esse outro aspecto da aprendizagem, o professor poderia auxiliar seus alunos a descobrir e utilizar seus estilos de aprendizagem e a desenvolver outros.

É do nosso conhecimento que métodos e técnicas de ensino têm-se desenvolvido e avançado amplamente, chegando até a alcançar o ecletismo apregoado por muitos. Isso nos leva à certeza de que o ensino vai bem, uma vez que a literatura sobre o ensinar é farta e de fácil acesso; o que não acontece com as pesquisas sobre o aprender, principalmente no Brasil, onde são escassas ou aparecem de forma equivocada. Há, por exemplo, instruções que se propõem a ensinar como se deve estudar (aprender), mas que não contemplam o estudante naquilo que BARSCH(*in* DAVIS,1995) entende como “estilos de aprendizagem”, vez que essas instruções vislumbram a aprendizagem como fenômeno coletivo. Nesse particular, entendemos estarem as referidas instruções equivocadas; confundem quando objetivam facilitar o processo da aprendizagem. Essas instruções e o próprio professor advertem reiteradamente que o aluno estude, mas “o como” estudar afigura-se como uma “caixa-preta” nunca acessada ao aprendiz.

A tentativa aqui é a de sugerir acesso a nós, professores de línguas estrangeiras, a estudos sobre estratégias de aprendizagem que se destinam a ensinar o indivíduo como aprender, respeitando os seus estilos de aprendizagem e o nível de desenvolvimento lingüístico de que é possuidor.

As estratégias de aprendizagem não só evoluíram, como têm fácil acesso ao meio acadêmico, mas em certas regiões do Brasil, essa evolução e divulgação não apresentam o mesmo ritmo, de sorte que esse conhecimento pode ainda não ter chegado nem à fonte que ensina nem à que aprende.

Oferecemos aqui alguns exemplos de discutir as estratégias que cada pessoa poderá utilizar na aprendizagem de uma segunda língua.

Rebeca OXFORD(1990) apresenta 2 tipos de estratégias gerais para esse fim: *diretas e indiretas*. Das *estratégias diretas* fazem parte as de memória que se processam através da criação de imagens mentais, da aplicação de imagens, e da revisão dessas associações, para promover a fixação, o que vai resultar na ação. Na *estratégia de cognição* estão incluídos a prática, a recepção e

o envio de mensagens, a análise e raciocínio, e criação de estrutura para o *input* e o *output*. A *estratégia de compensação* compõe-se da “suposição” dentro de uma lógica inteligente, assim como o superar de limitações através da fala e da escrita.

Das *estratégias indiretas*, as *metacognitivas*, comportam a centralização da aprendizagem, a organização e planejamento da própria aprendizagem e a sua avaliação. Das *estratégias afetivas*, fazem parte a diminuição da ansiedade, encorajamento e avaliação emocional, o que exige do aprendiz uma avaliação de como se sente com o que faz, isto é, se a atividade que desenvolve é algo que o agrada, que o satisfaz ou se lhe causa qualquer tipo de sofrimento. Das *estratégias sociais* fazem parte o fazer perguntas, cooperar com o grupo, compartilhar e interagir de forma a promover a empatia.

Essas estratégias mostram que é possível mudar o perfil do “consumidor passivo” para o de ativo, aquele que interage, o que busca, o que é responsável pelo seu progresso, ou seja, aquele que caminha na direção daquela espécie de aprendizagem que costumamos identificar como *autodidata*. Por outras palavras: o aluno conhecedor do tipo de aprendiz que é, assume a responsabilidade de aprender que, ademais, é sua.

A idéia de que deve haver um treinamento do aprendiz, defendida por L. DICKINSON(1992), no seu livro *Learner Autonomy* (Autonomia do Aprendiz), chama a atenção sobre o fato de que o treinamento do aprendiz envolve uma mudança da visão de que o professor e o método são responsáveis pelo sucesso do aprendiz para uma visão que considera o *aprendiz como responsável por uma experiência de aprendizagem de sucesso*.

Entretanto, como COHEN(1991) aponta, não está claro se esse treinamento do aprendiz deva ser explícito, em cursos especiais para tal fim, ou se deva ser feito de forma implícita, dentro do currículo.

Sabe-se que não há uma forma única de aprender. Assim a criação de uma consciência do fato de que algumas estratégias funcionam e outras não, para os diferentes aprendizes, é de suma importância para uma aprendizagem mais eficaz.

Acreditamos ser também importante a conscientização dos mestres sobre a existência e necessidade de se levar aos alunos as estratégias de aprendizagem como algo que possa ser treinado, de tal forma que aqueles que queiram, possam de fato encontrar seu caminho para aprender e ser bem sucedido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COHEN, A. D. Strategies in Second Language Learning: insights from research. In: R. PHIPSON et al, *Foreign/second language pedagogy research: A commemorative volume for Claus Faerch*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 1991.
- DAVIS, E. C., NUR H., RURU, S. A. *Helping Teachers and Students Understand Learning Styles*. *Forum Magazine*, p.12-18, jan.95.
- DICKINSON, L. *Learner Autonomy*. Dublin: Authentik, 1992.
- OXFORD, R. *Language Learning Strategies - What every teacher should Know*. USA: Newbury House Publishers, 1990.